

Prensa do tempo: morte e ateísmo (Belém-Pará, 1888-1920)

Ipojucan Dias Campos¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i47.70206>

Resumo: O estudo analisa parte da vida do migrante português, Antônio Albuquerque Lisboa, nascido na cidade portuguesa de Cantanhede que, em 1874, fixou residência no Pará. Suas certezas, em face aos significados religiosos, mudaram substantivamente a partir de 1871 com a morte dos seus pais, pois, perante o fato, o antes luterano convicto, pôs-se a manufaturar concepções nada crentes acerca de Deus e de Jesus e, depois da chegada ao Estado do Pará, Nossa Senhora de Nazaré e da Conceição passaram a ser alvos das suas descrenças. Assim sendo, a fundamentação aqui apresentada se concentrou na tese de que Antônio esteve envolto ao que denominei de prensa do tempo, ou seja, para a conversão da sua mentalidade religiosa, a compressão advinda das mortes dos genitores exerceu forte influência no desprezo de Deus e de Jesus quer na qualidade de superiores, quer na de gerenciadores do ser humano e do mundo.

Palavras-chave: Morte. Deus. Jesus. Ateísmo.

Time press: death and atheism (Belém-Pará, 1888-1920)

Abstract: The study analyzes part of the life of the Portuguese migrant, Antônio Albuquerque Lisboa, born in the Portuguese city of Cantanhede who, in 1874, took up residence in Pará. His certainties, in the face of religious meanings, changed substantially from 1871 onwards with the death of his parents, then, faced with the fact, the convinced Lutheran, began to manufacture unbelievable conceptions about God and Jesus and, after arriving in the State of Pará, Nossa Senhora de Nazaré and Conceição became targets of his disbeliefs. Therefore, the reasoning presented here focused on the thesis that Antônio was involved in what I called the pressure of time, that is, for the conversion of his religious mentality, the compression resulting from the deaths of his parents exerted a

¹ Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009), Mestre pela mesma instituição (2002). Professor Associado III da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (IFCH-UFPA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade do Estado do Pará e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

strong influence on his contempt for God and of Jesus whether as superiors or as managers of human beings and the world.

Keywords: Death. God. Jesus. Atheism.

Prensa de tiempo: muerte y ateísmo (Belém-Pará, 1888-1920)

Resumen: El estudio analiza parte de la vida del migrante portugués Antônio Albuquerque Lisboa, nacido en la ciudad portuguesa de Cantanhede y que fijó su residencia en Pará en 1874. Sus certezas, frente a los significados religiosos, cambiaron sustancialmente a partir de 1871 con la muerte de sus padres, entonces, ante el hecho, el luterano convencido, comenzó a fabricar concepciones increíbles sobre Dios y Jesús y, después de llegar al Estado de Pará, Nuestra Señora de Nazaré y Conceição se convirtieron en blanco de sus incredulidades. Por lo tanto, el razonamiento aquí presentado se centró en la tesis de que Antônio estuvo involucrado en lo que llamé la presión del tiempo, es decir, para la conversión de su mentalidad religiosa, la compresión resultante de la muerte de sus padres ejerció una fuerte influencia en su desprecio de Dios y de Jesús, ya sea como superiores o como administradores de los seres humanos y del mundo.

Palabras clave: Muerte. Dios. Jesús. Ateísmo.

Recebido em 04/11/2023 - Aprovado em 25/12/2023

Introdução

Os deslocamentos executados por Antônio Albuquerque Lisboa se concentraram, por 70 anos, entre Cantanhede (Portugal), Belém (Pará) e Santarém (Pará). Essa personagem, dona de histórias bastante peculiares, nasceu na cidade portuguesa de Cantanhede, aos 12 de janeiro de 1850 e veio a óbito, em Belém, aos 30 de março de 1920. Quando criança, recebeu dos pais forte educação religiosa luterana, no entanto, em 1871, ano da morte dos genitores (Pedro Albuquerque Lisboa e Margarida Albuquerque Lisboa), presumivelmente, iniciou distanciamento quer do protestantismo, quer de Deus, quer de Jesus. Ao tempo do duplo passamento, Antônio era um jovem de 21 anos que, adjunto aos progenitores, tirava a sobrevivência do “comércio de secos e molhados”, negócio fundado em Portugal, na primeira metade do século XIX, pelos seus ascendentes. (Ação de desquite litigiosa impetrada por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisboa contra Antônio Albuquerque Lisboa, 1918). Na qualidade de único

filho, em janeiro de 1873, passou a vender as propriedades herdadas² e em novembro de 1874, aos 24 anos, chegou à capital paraense. A escolha do destino ocorreu em virtude de aqui residirem parentes próximos (tios, tias, primos: todos migrantes de Cantanhede) desde a primeira metade do século XIX. Dentre os entes residentes em Belém foi possível localizar: Pedro Lisbôa (seu tio, irmão de seu pai) esposo de Marasinha Lisbôa; Lupecinio Lisbôa (seu tio, irmão de seu pai) esposo de Mathilde Lisbôa; Alcantara Albuquerque (seu tio, irmão de sua mãe) esposo de Anna Maria Albuquerque; Mariano Lisbôa (seu primo, filho dos seus tios Pedro e Mariasinha); Mariangelo Lisbôa (seu primo, filho dos seus tios Lupecinio e Mathilde). Na ânsia de imediatamente forjar continuidade material à vida, resolveu aperfeiçoar a experiência adquirida em Cantanhede: estruturou, em Belém, “tasca de secos e molhados”, contudo, pretextando razões comerciais – busca de maiores lucros com a comercialização da borracha – a personagem em tela, em 1878, vislumbrou como mais vantajoso transferir o empreendimento para Santarém, cidade paraense localizada no Baixo Amazonas, a Oeste do Estado. Não obstante, manteve na capital, casa de residência localizada à travessa das Flores, 10. (Ação de desquite litigiosa impetrada por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa contra Antônio Albuquerque Lisbôa, 1918).

Antônio conquistou residência fixa e família por onde passou, seja na capital do Pará, seja em Santarém. Explica-se: em 1876 se casou, em face à Igreja Católica³ com a senhora Maria da Conceição Nunes que depois do enlace assumiu os sobrenomes do esposo, passando a atender por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa. Os cônjuges geraram dois filhos, a saber: Antonio da Anunciação Nunes Albuquerque Lisbôa e Maria da Annunciação Nunes Albuquerque Lisbôa. A linhagem firmou residência à travessa das Flores, 10. O esposo era dono de uma casa de secos e molhados, inicialmente, sediada em Belém, depois transferida para Santarém, repita-se. Todavia, para além dos negócios, outros interesses o conduziam às paragens santarenas: aos 28 de dezembro de 1890, recebeu no altar da igreja de Nossa Senhora da Conceição a mulher de nome Clementina da Silva Borges que, depois do desposório, passou a se chamar Clementina da Silva Albuquerque Lisbôa. Este novo casal colocou no mundo os seguintes filhos: Pedro da Silva Albuquerque Lisbôa, Venancio da Silva Albuquerque

² Conforme fragmentos do auto de desquite litigioso impetrado por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa, os bens herdados por Antônio Albuquerque Lisbôa constituíam-se em terras rurais, em gado graúdo e miúdo, em casas urbanas de aluguel, em casa de morada e na mercearia de secos e molhados.

³ Para a época, consumir o matrimônio dito legal apenas era possível sobre os altares da Igreja Católica.

Lisbôa e Germiniana da Silva Albuquerque Lisbôa. A família mocoronga residiu à rua Lauro Sodré, 23.

Desta maneira, Antônio tinha segunda razão para fazer viagens repetidas e prolongadas para aquele interior. Contudo, se por um lado, perante os recorrentes deslocamentos à Santarém, o duplo esposo conseguia explicá-los e justificá-los à consorte belenense de maneira convincente porque, afinal achava-se no Baixo Amazonas o sustento familiar; por outro, dona Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa, a esposa de Belém, passou – no transcorrer do tempo – a duvidar das suas recorrentes viagens, dos seus rápidos preparativos e conclusões à partida, dos seus sucessivos “acessos de cólera aquando interrogado” e das longas ausências do esposo. (Ação de desquite litigiosa impetrada por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa contra Antônio Albuquerque Lisbôa, 1918). Em virtude das suspeitas levantadas, a consorte deu-se a realizar investigações próprias: fazia inquirições a conhecidos que também viajavam àquela cidade e, do mesmo modo, não se furtou a endereçar cartas aos Oficiais de Polícia do lugar, nas quais fazia como pergunta central: qual atividade comercial o marido exercia na cidade. (Carta enviada por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa a Pedro Laguna, Chefe de Polícia de Santarém, junho de 1890). Tais estratégias reuniram, segundo a investigadora, elementos consideráveis à fundamentação das presunções adúlteras, todavia a “verdade completa” viria à tona quando se dispôs a conhecer, juntamente com os dois filhos (a esta altura, eram adultos e casados), em 20 de julho de 1918, à revelia do marido, o município onde os negócios da família estavam sediados há 40 anos. Aspectos da outra vida conjugal de Antônio provieram à superfície por meio das preventivas apurações efetivadas pela mulher e através do que conseguiu “ver com os seus próprios olhos”; ou melhor, ela teve a certeza de que o esposo havia tuteado a senhora Clementina, mas, para além disso, casara-se mais uma vez, logo, era um bigamo a sustentar duas famílias, duas casas e tinha, no total, cinco filhos a amparar.

Quanto a estas histórias – é mister esclarecer – chegaram ao presente por intermédio do processo de desquite contencioso impetrado, em 1918, por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisbôa contra Antônio Albuquerque Lisbôa.⁴ Numa ação bastante longa, 391 páginas, 19 cartas de autoria do esposo destinadas à companheira belenense foram anexadas aos autos.⁵ Na totalidade das epístolas remetidas, Deus, Jesus,

⁴ Tal documento foi catalogado no Cartório Sarmiento que compôs o Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará e que hoje faz parte do Centro de Memória da Amazônia (CMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁵ Faz-se necessário afirmar que a esposa belenense de Antônio, Maria da Conceição, endereçou 25 cartas entre 1888 e 1918 ao seu marido quando este se encontrava na cidade de Santarém. Todavia, em virtude da problematização apresentada para este estudo: compreender determinadas estruturas

santas, religiões e religiosidades apareceram de maneira pouco lisonjeiras, nunca sobre eles o esposo tributou auspiciosos aspectos, pelo contrário, recorrentemente foram dados a ler e classificados como “entidades e instituições forjadas pela mente humana”, ou, um pouco além, “como fugas para aqueles em si fracos”. (Carta nº 4 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1890). Pensando melhor, as articulações mentais de Antônio predavam Deus, Jesus, santas, religiões e religiosidades como arquiteturas humanas, como estruturas e “invenções de mentes frágeis”, como “invenções humanas dos “padres, das freiras, dos papas e dos pastores”. (Carta nº 19 enviada por Antônio à Maria da Conceição, junho de 1918).

Concernentes a essas condutas, elas emanaram dos óbitos dos familiares. As mortes mudaram drasticamente a vida de Antônio e foram dadas a ler na faculdade de divisores de água no seio das estruturas da sua vida, não apenas porque se impôs “solitária” travessia atlântica para viver, até à morte, em solo paraense, mas, “principalmente”, por ter se afastado, segundo correspondência datada de dezembro de 1888, “dos ensinamentos protestantes religiosos da existência de deos e de Jesus ensinados por meus amados pais mortos”. (Carta nº 3 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1888). Destarte, por intermédio da ordenação interpretativa advinda da peculiar mentalidade de Antônio, elaborou-se para este estudo a categoria prensa do tempo. Ela significa, em primeiro lugar, a intensidade, a força da compressão que o fim dos genitores exerceu nas suas estruturas mentais a ponto de operar, no bojo do espírito dele, a negação na existência de um ente superior a gerenciar “a vida humana e o mundo”. Este entendimento passou a ser exercido depois da morte dos pais e, desse modo, tal fato histórico o fez transitar entre a existência inequívoca de Deus e a cabal descrença nele; em segundo lugar, prensa do tempo significa o quanto o sentido à vida por meio da irreligiosidade o recolocou no mundo, o outorgou e o conferiu conteúdo à continuidade da sua salutar “(...) andança como homem de negocio, como homem que tenho um espirito para o negocio, mas não tenho um espirito a dar para Deos (...)”. (Carta nº 16 enviada por Antônio à Maria da Conceição, março de 1918). A tomada de outro entendimento e, por assim dizer, o lugar primigênio de onde se nutriu o pensamento de Antônio esteve, sem dúvida, no passamento dos ascendentes, logo, a finitude funcionou, aliás, na faculdade de constrição à vida e constituiu-se no móvel que o habilitou a viver longe do protestantismo luterano e, para além, como indivíduo desligado de Deus, de Jesus, da religião e da religiosidade. A partir de então, de tudo e sobre tudo o

religiosas de Antônio, as epístolas de autoria da senhora Maria não foram aqui utilizadas. Outra justificativa para o não uso dos seus manuscritos ancora-se nos limites (extensão do artigo) exigidos pela revista.

que viesse a decidir, a lembrança dos finados genitores foi recorrentemente posta na escala do inegociável.

Conforme estes entendimentos iniciais, o foco do artigo concentrou-se nas concepções pouco crentes do comerciante que transitava com desenvoltura entre Belém e Santarém, isto é, na sua crença da inexistência de Deus, na sua convicção de que os “milagres” de Jesus eram mitos, na sua certeza de que os “poderes de Nossa Senhora de Nazaré e da Conceição” alojavam-se em “projeções de fanaticos” paraenses, na sua indubitabilidade de que as “santas, os santos eram pedaços de paos” a granjear número formidável de “desocupados e de fanaticos a seguir atrás deles” e na sua consciência de que essas estruturas religiosas eram fabricos da mente de pessoas frágeis, os quais (os fabricos) foram influenciados pelos papas, pelos padres, pelas freiras, pelos pastores e pelas famílias. (Carta nº 3 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1888). Dessa maneira, é necessário mais e mais precisar onde este estudo pousou as suas preocupações historiográficas. Ele se concentrou no entendimento acerca do que significava ausência de crença em Deus, em Jesus, nas Nossas Senhoras, nas religiões e nas religiosidades, segundo a mentalidade de um homem que viveu entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, que perdeu precocemente os pais e que foi educado sob os rigores do protestantismo luterano, mas que o abandonou. Em suma, este artigo buscou abrir entendimentos historiográficos por meio da interpretação do pensamento não religioso de Antônio, indivíduo que dizia inexistir – em sua conduta – qualquer aspecto “mágico-religioso a explicar a vida terrena”. (Carta nº 4 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1890).

Ainda no tocante ao personagem central dessas reflexões outras modulares informações ainda são possíveis indicar, as quais proporcionam esclarecimentos a respeito dos significados do tempo, da cultura e das circularidades intelectuais articuladas pelos ascendentes de Antônio, agentes que, em dado tempo, influenciaram diretamente suas condutas político-religiosas e socioculturais, mas também, do processo contencioso de onde emanaram essas informações, Antônio apareceu bastante – por conta própria – promovendo deslocamentos religiosos, culturais e políticos. O processo de desquite contencioso deixou chegar ao presente a informação de que os avós paterno e materno de Antônio, residentes naquele núcleo urbano na primeira metade do oitocentos, professavam o luteranismo; a este respeito lembra-se que Pedro Albuquerque Lisboa e Margarida Albuquerque Lisboa, pais de Antônio, mortos em 1871, igualmente, praticavam esta fé protestante. Desse modo, é fora de dúvida o quanto Antônio era tributário de uma família que, pelo menos por duas gerações, professava o luteranismo, logo, da mesma maneira, inexistiu imprecisão acerca da matriz de onde emanou – inicialmente – a crença religiosa da personagem central dessas teias.

Ao se olhar detidamente às matérias contidas nas cartas permutadas entre os cônjuges, vieram à tona reminiscências profundamente ressignificadas da organização diária de uma residência cantanhedense protestante oitocentista: a dos Albuquerque Lisboa. Concernente, é mister afirmar que as correspondências escritas, assinadas e enviadas, entre 1888 e 1918, por Antônio à mulher, estavam alocadas e constituíam parte do seu cosmos social daquele tempo, então, obviamente, quando se dirigia às lembranças do momento em que era protestante em Portugal, acessava um passado bastante influenciado pelo seu presente. Por exemplo, em dada carta-resposta à esposa, evidenciou: “(...) em Cantanhede liamos a tola Bíblia ao despertar e ao anoitecer (...) também não deixávamos de ler essa literatura tola no local de trabalho; era uma grande perda de tempo falar de Deus, de Jesus, dos discípulos (...)”. (Carta nº 5 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1890). A força mental do presente, 1890, contido nesse manuscrito não conseguiu delatar por completo o *modus operandi* passado da organização familiar protestante de Antônio, ou seja, a crença, as formas de ver e as maneiras de viver daquela linhagem luterana, não se restringiram aos recônditos do lar, porquanto alcançavam o lugar de onde a família forjava a própria subsistência: a mercearia de secos e molhados. Em conformidade com isso, até aos 21 anos, quando do passamento dos seus pais, passagens contidas nas cartas em tela dão conta de que Antônio recebeu rígida formação educacional protestante luterana, no entanto, acerca do seu ordenamento educacional dito formal, não há quaisquer dados a ele direcionados; inexistem informações relacionadas a grupos escolares e a universidades, por exemplo, que o nosso principal agente pudesse ter mantido contato. Entretanto, para além dos estudos correspondentes ao protestantismo organizados no seio da linhagem, as cartas manufaturadas por Antônio dão notícias da existência de diálogos entre ele e um certo José Assumpção Nunes Dantas, velho livreiro de Cantanhede, bem como de diversas viagens daquele a Coimbra para ultimar negócios.

À vista disso, é fora de dúvida que, em Cantanhede, Antônio recorrentemente dava-se a diálogos intelectuais com Dantas, adquiria, trocava e emprestava livros do vendedor e, neste sentido, conjectura-se que tais mobilizações também se efetuavam aquando dos seus deslocamentos, à negócios, para Coimbra. Com efeito, a sua formação intelectual não se limitou ao íntimo do lar protestante, não se restringiu à leitura dos livros contidos na Bíblia, não foi apenas demarcada por orações caseiras; conviver com o livreiro e, por conseguinte, as corriqueiras viagens de Antônio, funcionaram como maquinarias ampliadoras da sua visão de mundo, das suas compreensões religiosas, dos seus entendimentos políticos, dos seus descortinamentos socioculturais oitocentistas.

Finalmente, no que concerne às missivas, algumas escalas metodológicas são imprescindíveis: em todas há posicionamentos nada lisonjeiros do autor a respeito de

Deus, de Jesus, das Nossas Senhoras, das religiões e das religiosidades, bem como frente aos padres, aos pastores e às freiras; as cartas foram confeccionadas na primeira pessoa do singular, particularidade que não permite repousar dúvidas acerca das certezas nada religiosas a emanar da consciência de Antônio; também é mister assinalar que a composição das epístolas estivera entre o final do século XIX, 1888, e o início do século XX, 1918.

O recuo crítico das fontes aconteceu consoante à compreensão da genealogia intelectual do migrante em questão. Em outras palavras, para se apreciar com maior nitidez as epístolas remetidas à esposa belenense foi de suma importância, à fundamentação do problema aqui apresentado, avaliar a gravidade dos desastres, ajuizar os declínios das vidas dos pais no seio das instâncias psíquicas do filho e, assim, erguer o entendimento de que tudo principiou com as mortes dos seus ascendentes. À vista disso, a aferição documental esteve congruente aos cálculos efetuados por este historiador em face às “tão grandes desgraças” vivenciadas pelo português de Cantanhede, porquanto, impreterivelmente, os passamentos se comunicaram às suas decisões cotidianas pelos 49 anos que lhe restaram de vida. Diante disso, o pretérito lhe estivera nas sentenças fabricadas no presente (o oposto também é válido pensar), então, nesta conjuntura, ele apenas conseguiu colocar a vida em marcha quando manufaturou serenidade bastante à escala de que não mais conseguiria “viver próximo” de Deus, de Jesus, do luteranismo e, desse modo, passou a atribuir significados “próprios” à vida, às entidades religiosas, às religiões e às religiosidades.

No que pertence à cronologia destas reflexões, o seu início, 1888, justifica-se em virtude de ser o ano dos primeiros bilhetes permutados entre os consortes e termina em 1920, porque marca o passamento do principal agente histórico desse estudo. Seguem, portanto, alguns entendimentos referentes ao pensamento de Antônio Albuquerque Lisboa, o qual foi sustentado sobre a pilastra teórica intitulada: prensa do tempo.

“A tolice de Deus, a de Jesus e a das Nossas Senhoras paraenses”

Em dezembro de 1890, no mesmo mês e ano do casamento de Antônio com a mulher santarena, ele contraditou carta da sua primeira esposa da forma seguinte:

Me cobras que está próximo do natal, no nascimento de Jesus Christo, do salvador do mundo, outras vezes me cobras que é perto do sírio da Nazareth, também em outra dis pra eu ficar com deos e também das suas palavras não

⁶ Carta nº 18 enviada por Antônio à Maria da Conceição, maio de 1918.

escapa a Conceição daqui. Meu amor, quando eu era luterano deos existia; não mais existe, Christo era bom e salvador, ele não existiu ele não é bom e nem é salvador de nada, e pobre das santas de pão. Não é porque esta próximo do natal, do nascimento daquele que ninguém salvou que tenho que ir a Belém, irei no próximo fevereiro vindouro porque amo vocês. (Carta nº 5 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1890).

Ao intimar Antônio a Belém, Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisboa fez o marido lhe evidenciar parte das suas certezas pouco religiosas. Para o esposo, tudo mudou ao tempo da morte dos seus ascendentes. As convicções a envolver a educação luterana herdadas dos pais e dos avós maternos e paterno foram reestruturadas, logo, é mister refletir o quanto aquela pretérita lógica religiosa se ligava ao presente para explicar a sua condição de “homem livre para negar deos, Jesus, os santos e negar a religião”. (Carta nº 5 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1890). Todavia seria erro reflexivo crasso cancelar à análise, inexistência a cingir o passado religioso e o presente do agora descrente morador de Belém e de Santarém. À vista disso, para o bígamo, tempo e Deus e, por conseguinte, tempo e inexistência de Deus constituíram-se em escalas “delimitadoras” ao fabrico da própria existência, assim, nas arquiteturas da sua vida, passado e presente nunca se dissiparam; neste particular, trazer à luz os entendimentos de Santo Agostinho acerca do tempo é considerável, então, quanto a matéria, disse o estudioso: “com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e se nada existisse agora, não haveria tempo presente”. (Agostinho, 2011, p. 268). Ao se problematizar os manuscritos em tela, este historiador encontrou o seu autor convencido do quanto Deus, Jesus e, posteriormente, as Santas eram partes integrantes de tempos distintos e com significados, igualmente, distintos no bojo do próprio tempo por ele experimentado. À farta, a forma de pensamento deste agente secundarizava até às escalas da insignificância quer o “Criador”, quer o seu filho, quer as Santas para, efetivamente, não “ter qualquer problema em rechaçar a religião”, conquanto esta (a religião) derivava daquelas entidades nada reais. (Carta nº 7 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1892). O bígamo agrupava aquelas entidades à religião, contudo, em seu pensamento, eram os homens (pastores, padres, freiras, por exemplo) os responsáveis pela tradução de Deus, de Jesus e das Santas (entidades irreais) numa “outra invenção mentirosa que é a religião”. (Carta nº 1 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1888).

Ante ao discernimento peculiar de Antônio, tornou-se inevitável recorrer novamente à categoria tempo, desta vez, interpretado por Thomas Hobbes. Em “*Leviatã*”, atinente ao tempo pretérito, o autor afirmou inexistir “deliberação a respeito de coisas passadas, pois é impossível mudar o passado”. (Hobbes, 2009, p. 53). Perante este debate, rende-se armas a Christopher Hill quando afirmou que todo passado está efetivado enquanto ato, no entanto, os homens o exercitam por meio de diversificadas interpretações, ou seja, o passado não muda, porém, as interpretações relativas a ele, sim. (Hill, 1987, p. 32). Esta lógica se constituiu no equilíbrio da personagem central desse estudo, na medida em que na missiva datada de março de 1894, por exemplo, não deixaria dúvidas à esposa da capital, mas também aos leitores contemporâneos, acerca da seguinte certeza: as mortes do “(...) meu pai e da minha mãe me deixaram incrédulo diante da religião, de Deus, de Jesus e de toda idea sagrada e mentirosamente santa. Eu sou ateu, não acredito em nada (...)”. (Carta nº 8 enviada por Antônio à Maria da Conceição, março de 1894). Nas relações diárias, o desfortúnio vivido aquando dos 21 anos, vinha à tona com sobejas implicações, aliás, nas epístolas colocadas à reflexão, Antônio não deixou de evidenciar os meios, as estratégias, as maquinarias colocadas a funcionar para que conseguisse pousar o seu passado na escala do suportável. Esclarece-se: o ateu em tela (no que corresponde às suas condutas, às suas expectativas, às suas compreensões) sofreu compressões pelas mortes dos ascendentes, no entanto, para um pouco além, como ele perfeitamente se relacionava com Pedro e Margarida (seus pais) por meio de imaculados respeito e amizade, a finitude o modificou completamente; resultado disso, concentrou-se no entendimento radical que passou a empreender sobre o luteranismo, sobre o catolicismo, sobre Deus, sobre Jesus e, posteriormente, sobre as Santas.

É mister deixar evidente que o cantanhedense manejou o termo “incrédulo”, tanto quanto pôde, para significar escalas do seu ateísmo, em outras palavras, os termos “incrédulo” e ateu foram significados, nas inúmeras missivas, como sinônimos: eles expressavam a inexistência de Deus, a de Jesus e a das santas, então, “incrédulo” foi dado a ler como desabrigo de Deus na sua vida, na sua alma e no seu espírito, em síntese, no bojo das epístolas sobrescritas à esposa de Belém, ele empregou a palavra como equivalente a ateu. Mesmo Lucien Febvre debatendo “*O problema da incredulidade*” para tempo bastante distante, século XVI, das preocupações a cingir as histórias de Antônio, as suas reflexões são aqui importantes. Febvre, na seminal obra, não faz uso da expressão incredulidade como desacreditar, mas sim como “a outra face da crença”; ela, portanto, em nada se ligava à ideia de ser ateu. (Febvre, 2009, pp. 29 e 131). Neste particular, tudo se constituiu de modo bastante distinto para Antônio. Ao se tomar por base diversas cartas permutadas entre o cantanhedense e a sua esposa de Belém, repita-se, o bígamo

não executava distinções a cercar os vocábulos em pauta, enfim, incrédulo e ateu concorriam com o mesmo significado para o duplo esposo: Deus, Jesus e santas inexistiam no bojo do seu cosmos sociopolítico. Ainda no tocante às intervenções de Lucien Febvre, este autor intencionou convencer de que “cada época fabrica mentalmente seu universo”. (Febvre, 2009, p. 30). Este aspecto expressa uma sentença para o autor deste artigo, pois é necessário afirmar que no seio da mentalidade dita predominante há dissidências e, o caso em tela, a mentalidade dissidente encontra-se nas condutas de Antônio Albuquerque de Lisboa.

Os vocativos empregados por Antônio para se referir às entidades religiosas estiveram aplicados no sentido de não deixarem dúvidas acerca dos seus entendimentos perante o “poder desempenhado” por eles. Para o português migrante, o luteranismo tornou-se uma farsa, Deus nada criou. Jesus a ninguém salvou. As Santas significavam apenas pedaços de paus fabricados pelas mãos humanas. Deus, Jesus, Nazaré e Conceição eram dados a ler como criações humanas. O Natal e os Círios de Nossa Senhora de Nazaré (Belém) e o de Nossa Senhora da Conceição (Santarém) foram descortinados na faculdade de festividades desprezíveis: enganações coletivas. Aqui, e também na totalidade desse estudo, localizam-se alguns dos sentidos dados a compreender como prensa do tempo. Melhor dizendo, depois da perda vivenciada, o homem tinha a certeza e, desse modo, buscava convencer pelos menos a esposa, de que Deus, o corpo presumivelmente sacrificado do seu filho, as “(...) gigantescas procissões que pessoas vão atrás de dois pedaços de paos (...)” ocupavam tão-somente espaços-lugares na “imaginação”, na “invenção” de quem os seguiam. (Carta nº 6 enviada por Antônio à Maria da Conceição, março de 1891). O cantanhedense deixou fartas evidências do quanto os citados universos entendidos como religiosos, por inúmeros agentes sociais, não passavam de conjunto particular de “inventividades” constituídas por seres fragilizados (os fiéis) no seio da própria existência, logo, inexistiam quaisquer forma e parte efetivamente reais e, por conseguinte, nenhum deslocamento propriamente tangível à coerência humana. Em conformidade, as epístolas que chegaram ao presente proporcionaram interpretar entendimentos oferecidos por Antônio às entidades religiosas em pauta, ou seja, ele as tratou como variações de aparência, como agregações de sentidos falsos que estiveram ao longo “(...) dos séculos orquestrados pelas pessoas, padres, pastores, freiras (...)”. (Carta nº 9 enviada por Antônio à Maria da Conceição, março de 1900). Nestas interposições, Agnes Heller é importante. Numa síntese lapidar, expressou que a história do homem se concentra no cotidiano e é formatada na qualidade de particular nas instâncias do dia a dia; no entanto, não pode ser vislumbrada como particularidade pura, ou melhor: “o indivíduo é um ser singular que se encontra em

relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana; e, nele, tornam-se conscientes ambos os elementos”. (Heller, 1992, p. 22).

Para se reforçar estas escalas interpretativas e, portanto, compreender arquiteturas da mentalidade, li (assim como outros que me precederam), Michel Vovelle. Busquei observar significados das suas reflexões e o que elas contribuíram para o aprofundamento das investigações referentes às estruturas da mentalidade. Estudá-lo fez esse historiador descortinar o “quanto” e “como” os homens ao se engajarem em suas histórias concebem caminhos psicológicos importantes à compreensão das próprias trajetórias ou como expressou o autor: há “jogos relativos” a envolver “as condições de existência dos homens e a maneira pela qual eles reagem a elas”. (Vovelle, 2004, p. 116). As condições de existência de Antônio, após a morte dos pais, mudaram agudamente e este foi o fato que viabilizou o fabrico da categoria prensa do tempo; em suma, desprezar, num primeiro momento Deus e Jesus e, num segundo, o luteranismo, os pastores, as santas, o catolicismo, os padres, as freiras e o papa constituiu-se nos denominadores comuns e nos predicativos à tomada de vereditos emanados do duplo esposo, ela (a prensa do tempo) passou a integrar – na qualidade de escala inegociável – os seus valores, ou melhor, era para onde qualquer decisão, preventivamente, enviava-se à aferição. A partir dela, tudo se ligava à morte. Ela passou a exercer a função de salvo-conduto aos novos entendimentos do migrante. A não mais poder, esse passaporte lhe conferiu a liberdade de dissertar desprendidamente a respeito de Deus, de Jesus e das Santas, por um lado, e, por outro, diante de todas as derivações daqueles. Ao se interpretar as memórias de Antônio, ficou-se face a face às maquinarias de pensamento de um homem que viveu experiências acomodadas entre os séculos XIX e XX (1850-1920); portanto, à esposa, por exemplo, buscava deixar atingível o entendimento do quanto era plausível e racional se estabelecer às margens da religião-religiosidade, de Deus, de Jesus e das Santas e, logicamente, das influências dos padres, dos papas, das freiras e dos pastores.

Concisamente, os manuscritos legados ao presente viabilizaram compreender como Antônio olhou a vida e o mundo. Para um pouco além, como fabricou entendimentos que tiveram a finalidade de lhe oferecer subsídios imprescindíveis para se deslocar perante assuntos sobejamente delicados. Em 1918, há muito, estava consumada a cisão ante a consciência luterana, ante Deus, ante Jesus, ante o catolicismo, ou melhor, quaisquer explicações emanadas das estruturas ditas cristãs ou de outra matriz religiosa eram dadas a ler na faculdade de empecilho ao pleno desenvolvimento do homem diante das contingências que a vida se lhe apresentava.

O bigamo se distanciava do descritivo a versar sobre as entidades religiosas apresentadas, logo, cumpre lembrar que, ao inverter a sua forma de pensamento (aqui rememora-se ter sido crente em Deus e em Jesus), passou a conceber como

imprescindível, à continuidade da existência, a demonstração de provas. Até a morte em 1920, o português fortaleceu – tanto quanto foi capaz – o entendimento de que não havia caminho à comunicação com o imaginário (aqui se refere a Deus) “(...) onde eu fale diretamente com ele e ele me responda (...)”, então, por esse motivo, “(...) não há Deus. (Carta nº 13 enviada por Antônio à Maria da Conceição, abril de 1917). As estruturas de pensamento dessa personagem funcionavam por meio da seguinte lógica: o que se colocava na esteira do verdadeiro deveria ser imediatamente assumido como tal. Sobre estas pilastras não estavam assentadas a religião, a religiosidade, as Santas, Deus e Jesus; diante dessas entidades inexistia comunicação, inexistia verdade e inexistia evidência “a comprovar as suas presenças reais”. Segundo Antônio, a vida para ser explicada de forma viável precisava de provas, isto é, vinculava-se à necessidade de que ela fosse elucidada na robustez da lógica. O migrante relanceava a vista e dava entendimento àqueles como fruto da imaginação, como produto da fantasia montada não somente através da consciência de cada qual, mas com a sagaz ajuda de pastores, de padres, de freiras, do papa, das famílias; em outras palavras, em outubro de 1910, ao refutar intimações da esposa acerca da importância, por ela atribuída, ao Natal e ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o marido dissertou: “(...) as pessoas não nasce com as mentiras sobre tudo que envolve deos e jesus, sírio e santos ela é forçada a acreditar por pessoas moradoras desse mundo (...)”. (Carta nº 12 enviada por Antônio à Maria da Conceição, outubro de 1910).

Em suma, as escalas de pensamento do senhor Antônio se encontravam dirigidas a compreender e a fazer – no mínimo – a consorte descortinar que as entidades religiosas se tratava de fantasias, de alucinações e de imaginações firmemente cultuadas nas entranhas das mentalidades humanas. Essas eram as estruturas das certezas do indivíduo em tela, portanto, assim expostas, o cantanhedense conseguia se comunicar de maneira clara com a mãe belenense dos seus filhos, ao submeter as festas religiosas (Círios e Natal), bem como Deus e Jesus, a um crivo crítico bastante cerrado. Havia com esta tática uma finalidade central: a de que as suas ideias fossem assimiladas pela esposa, que ela as lesse e as divulgasse como opróbios a torturar o ser humano. No que concerne as memórias chegadas ao presente, elas se apresentavam ritmadas, pelo menos em parte, por sortidas negações concernentes a eventos religiosos, por um lado; por outro, os manuscritos manufaturavam a lógica de que a vida cotidiana, a vida profissional, a vida estética, a vida amorosa ligadas aos preceitos religiosos, apenas desempenhavam papéis conturbatórios à existência.

O português se concentrava em promover explicações religiosas inversas às absorvidas, um dia, do outro lado do Atlântico. Examinava Deus e Jesus, religiões e religiosidades, santas e santos como crenças fantasiosas de povilêu a viver às margens de quaisquer entendimentos pautados no seio da razoabilidade. Pelas suas novas escalas e

regras, o distanciamento e a rejeição das entidades religiosas passaram a se constituir como o denominador comum para onde todos os outros valores percorreram e, por conseguinte, eram reduzidos e passavam a ser avaliados. Suas explicações tornavam-se pragmáticas, aliás, o pragmatismo foi dado a ler na esteira de estrutura mental argumentativa, ou melhor, como única esteira viável à interpretação de valores relacionados ao pecado, à religião, à religiosidade, às santas, a Deus e a Jesus. À falta, o migrante ateu ao recusar o divino como mediador de entreveros humanos deixava evidente que aquelas instituições e entidades religiosas fundamentavam-se em invenções/resultados oriundos da própria fraqueza humana, de preocupações humanas a emanar da incapacidade de solução a surgir do próprio humano. Conforme a construção intelectual de Albuquerque Lisboa, os homens apenas encontrariam muito logo a “verdade do mundo” se negasse a existência de toda força “extra-homem” a atuar sobre a vida do “próprio homem”. (Carta nº 14 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1917). De novo, retomar os significados do homem no tempo, todavia, desta vez, através de Philippe Ariès tornou-se imprescindível. O historiador, a respeito das interpretações do homem diante do tempo, pousou ponderações seminais, pois dissertou: “ele toma consciência dele próprio na História, sente-se solitário à sequência dos tempos e não pode conceber-se isolado da continuidade das épocas anteriores.” (Ariès, 2013, p. 62). Quanto à matéria tempo, decerto que sim, Antônio transitava entre o seu presente e o seu passado (vice-versa) para, no seu presente, firmar posição perante os fatos ocorridos no transcorrer da existência e, assim, se posicionar como agente histórico bastante diferente daquele que viveu em Cantanhede.

Por exemplo, em dezembro de 1900, ao se referir a Jesus numa epístola-resposta à esposa, afirmava: “(...) disseram que Jesus é filho de deos, que fez milagre, que morreu por nós. Isso não aconteceu ele não morreu por mim e nem por ninguém (...)”. (Carta nº 10 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1900). Nesse excerto confeccionado em dezembro de 1900, Antônio construiu respostas às inquirições feitas por Maria da Conceição, porquanto, aquele, há muito, se encontrava afastado de Belém e o Natal de 1900 se aproximava. Inexistem indícios de que Antônio tenha entrado em contato com leituras nietzscheanas, no entanto suas reflexões fizeram esse historiador lembrar da obra “*O anticristo*” publicada cinco anos antes, 1895, do último fragmento epistolar. Em dada altura, Friedrich Nietzsche deixou claro em quais parâmetros reputava Jesus: “ele morreu por seus próprios pecados – não há a menor razão para se crer, por mais que se tenha afirmado isso, que ele morreu pelos pecados dos outros”. (Nietzsche, 2012, p. 55). O bígamo, na mesma missiva, expressou em relação ao pai daquele: “(...) ele não fez filho nalgum, não entregou filho nalgum para morrer por ninguém, nenhum dos dois existe (...)”. (Carta nº 10 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de

1900). Deus e Jesus eram desacreditados. Nenhum tivera o poder de qualquer coisa. Deus não entregou o seu filho ao sacrifício de nada e, tampouco, Jesus veio ao mundo para salvar qualquer ser humano. Para o marido, Deus tratava-se de fabricação de “(...) pessoas que não conseguia resolver seus problemas e também do medo e Jesus é invenção humana (...)”. (Carta nº 10 enviada por Antônio à Maria da Conceição, dezembro de 1900).

Há mais, porém. Ao se observar as estruturas mentais de Antônio, elas legaram ao seu intérprete contemporâneo a consideração seguinte: forjou outros contextos histórico, social e cultural, os quais foram fortalecidos na medida em que divulgava a ideia de serem falsas as certezas de parte da sociedade paraense (festas religiosas das Nossas Senhoras de Nazaré e a de Conceição), bem como ilusória a crença sobre a existência de um Deus e de um filho, este presumivelmente morto para salvar a humanidade. As dificuldades e os problemas humanos, acreditava, eram aptos de saídas racionais. Por assim dizer, a maquinaria do pensamento do senhor Antônio esteve conectada à distinção entre o que lhe pareceu perene, coerente e importante e aquilo classificado na faculdade de provisório, transitório e momentâneo às manifestações do sujeito. Preocupar-se com as fantasiosas entidades religiosas era ater-se e dedicar-se a generalizações e a vaguezas implausíveis, ou seja, conforme a mentalidade de Antônio, as inverdades a cingir Deus e Jesus, por exemplo, não passavam de dados interpretativos de cada qual e, por esta escala, constituíam-se apenas em arbitrariedades humanas.

Ele negava Deus e Jesus, dado que os compreendia como “fantasias desmedidas”; desse modo, explicações racionais tornavam-se obrigatórias e essenciais e, por isso, qualquer evento deveria ser efetivamente comprovado com argumentos e através da apresentação de dados. O português reputava importância considerável à sua forma de pensar e, a respeito, as cartas aqui interpretadas ainda podem dizer muito, visto que a personagem em tela localizou as religiões, as religiosidades, as santas, Deus e Jesus na esfera de sistema de desonra do pensamento humano, porquanto tudo se concentrava na força psíquica de cada um e não em dimensões comprovativas. Aos 15 de janeiro de 1918, data muito próxima da de Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisboa conhecer a segunda família matrimonial do marido, outra vez este contraditou missiva enviada por aquela.

Eis um excerto:

(...) mais uma vez suas cobrança sobre a sírio, eu não irei ver a estatua de pao, os nossos negócios não deixa (...), mas não iria se fosse dia de jesus, dias de deos, dia de conceissão, dia dos mortos, dia de outro santo, dia de uma religião. Tudo

isso não existe, é a farsa e o medo de vocês que produz isso, não vou perder tempo com isso, isso não existe (...) quem também faz isso é o padre, papa, homens protestantes, freiras (...). (Carta nº 15 enviada por Antônio à Maria da Conceição, janeiro de 1918).

Acreditar em Nossa Senhora de Nazaré, em Deus e em Jesus não era salutar para o bom curso da consciência do ser humano. Nestas condições, é mister reafirmar o quanto Antônio os compreendia na faculdade de força psíquica falsa a repousar sobre a forma de pensamento alheio; segundo o entendimento do cantanhedense, as entidades religiosas se localizavam em zonas mentais capazes de acionar forças mágicas de nenhuma eficácia: tudo se concentrava em acachapantes invenções pessoais, em construções organizadas conforme interesses e necessidades de quem as imaginava. Não desejo formatar redundâncias, mas se faz necessário recolocar as seguintes cognições: o quanto o ausente esposo expusera dada capacidade de pensamento, o quanto reconhecia dados significados, o quanto dava a refazer formas de leitura e o quanto mediava severas experiências internas e externas. À vista disso, conforme seus entendimentos, os crentes dos eixos religiosos em tela fabricavam imaginários próprios a circunscrever compreensões da vida, ou seja, “os frágeis e os medrosos” ao se depararem com dificuldades, suas equivocadas ordens psíquicas os forçavam a recorrer a poderes supostamente divinos produzidos, essencialmente, pela “mente” daqueles a se encontrar no interior da atribulação. (Carta nº 2 enviada por Antônio à Maria da Conceição, abril de 1888). Antônio não compreendia como trajeto viável, ao sujeito social, resolver impasses, de nenhuns aspectos, por meio da “farsa das entidades religiosas”, posto que se o ser humano não os compreendesse (os impasses) na faculdade de eventos localizados dentro, bem como fora do “seu eu”, ele não conseguiria lograr sucesso diante das estruturas da existência.

Às preocupações aqui propostas, os manuscritos de Antônio chegados ao presente agasalharam como questões centrais, determinadas lógicas, quais sejam: os dias das “(...) estátuas de pau (...)”, o “(...) dia de outro santo (...)”, o “(...) dia de uma religião (...)”, o “(...) dia de Jesus (...)” e o “(...) dia de Deus (...)” correspondiam a farsas manufaturadas por pessoas (padres, papas, freiras, pastores, famílias) dedicadas e interessadas na consolidação da ignorância humana. (Carta nº 17 enviada por Antônio à Maria da Conceição, abril de 1918). Em outras palavras, deveriam ser entendidas, na sua essência, como invenções colocadas por indivíduos aos indivíduos. Por outros caminhos, o poder do ser social (o do homem) foi transferido às santas, à religião, à religiosidade, a Jesus, a Deus. Assim, Antônio se negava a entregar contingências da sua vida a entidades

vistas como imaginárias, portanto, no que diz respeito a elas, detinha a ampla visão do quanto existiam pessoas aplicadas a constituir empreendimentos que se aprestassem a obter ganhos em face a fragilidade do pensamento alheio. O papa, os padres, as freiras, os pastores, recorrentemente, foram dados a ler como os responsáveis do fortalecimento da farsa ante a existência de poderes (santas, Jesus) e de um poder supremo (Deus) a governar o homem, todavia aquele pouco afeito a reconhecer Jesus na qualidade de salvador, não esquecia de indicar os autores desses fabricos, porque, a certa altura, dissertou: “(...) é a força de vocês que produz isso, não vou perder tempo com isso, isso não existe (...)”. (Carta nº 15 enviada por Antônio à Maria da Conceição, janeiro de 1918).

O pensamento de Antônio se asilava na inexistência de forças reais organizadoras da vida humana. Assim sendo, como se vem a argumentar, ele jamais se distanciou de dada forma de planejamento explicativo, a saber: as mais conhecidas entidades religiosas eram, originalmente, efetivações do pensamento dos homens sobre si mesmos, porém no decorrer do tempo perderam o controle perante a própria criação e, a partir de então, a criatura passou a gerenciar, a determinar, a dar ordens às vidas dos seus criadores. (Carta nº 11 enviada por Antônio à Maria da Conceição, janeiro de 1902). Ao classificar a religiosidade do outro, ele conseguia expor de forma transparente o quanto formas e conteúdos variavam, porém o que nunca se alterava era a finalidade e o ímpeto das “entidades religiosas” (produtos da invenção humana) de se aplicarem na disseminação de medos entre os seus inventores. Os entendimentos nada crentes de Antônio Albuquerque Lisboa, à primeira vista, foram constituídos por duas grandes zonas de compromisso, as quais se interligavam substantivamente: desprezo aos institutos religiosos e “(...) explicações próprias (...)” à existência. Aqui, tudo convergiu e se explicou; ali, tudo começou. Entretanto os parâmetros que Antônio dava como corretos devem ser mais bem explicados. Ele possuía régua própria que não minimizava e/ou secundarizava a importância do homem na confecção dos efeitos religiosos, ou seja, as religiões, as religiosidades, os santos, Deus e Jesus constituíam-se em gradações onde a oferta e a procura das inautenticidades a cercar a vida eterna e a cura da alma eram colocadas pelos homens aos homens, no entanto o Albuquerque Lisboa em questão os lia como falsa libertação de um mundo que, segundo suas observações, apenas poderia ser compreendido através dos esforços efetivados pelos próprios homens, nada mais.

Aqui, Jacques Revel em *“Microanálise e construção do social”* é importante em virtude de diversificados aspectos, dentre os quais por considerar o quanto as arquiteturas e as circunstâncias cotidianas podem “medir os efeitos, e tirar deles as necessárias consequências”. (Revel, 1998, p. 37). Os princípios organizadores das intervenções deste historiador, ajudaram a entender – tanto quanto pude interpretar – que os conteúdos das epístolas manufaturadas por Antônio estiveram na condição de atributos ligados

impreterivelmente ao seu pretérito e, neste sentido, os fatos passados, os revestiu de condições “inegociáveis” à fabricação da sua sobrevivência. Entende-se que a morte dos pais e as “consequentes” negações de Deus, de Jesus, das santas, da religião/religiosidade foram apresentadas na competência de indultos ao livre pensamento do migrante em tela. Antônio vivenciou insistentes movimentos de conversão de certezas em incertezas e de transmutações de teses em antíteses, onde as sínteses foram abrigadas na conclusão da absoluta inexistência de um ser onisciente, onipresente e onipotente. Deus, Jesus, as santas, as religiões e as religiosidades expressavam os mais escandalosos fracassos do discernimento humano, logo, para o migrante, as pessoas não poderiam ser definidas e/ou se deixar definir por aquelas instâncias de poder, assim, para o ateu, o indivíduo apenas poderia ser classificado por meio da interpretação racional – longe do religioso – que ele faz dele mesmo.

Mentira, fantasia e medo foram dados a ler como predicados de Deus, de Jesus e das Santas, segundo os jogos de pensamento de Antônio. A tríade exclusivamente havia em virtude dos severos desvios de explicação dados a ela pelos homens e, por isso, renderam fracassos aos próprios homens, porque estes – em virtude da força da tradição daqueles – passavam a caracterizar a vida como concessão obsequiada e dirigida pelas entidades religiosas em pauta. Esta estrutura de consciência foi parte da escala mental do esposo bígamo, pois, a partir dos efeitos provocados pelos fatos que formataram o seu tempo histórico (aqui nomeado como prensa do tempo), passou a se distanciar das já indicadas experiências religiosas pregressas para, desse modo, desfrutar diferente exame de conhecimento a versar sobre si mesmo. Nas suas epístolas, exemplos diversificados indicaram à dimensão do quanto o seu distanciamento de Deus e de Jesus o fizeram descobrir, segundo as suas convicções, “(...) verdades importantes do funcionamento do mundo e de eu mesmo (...)”. (Carta nº 15 enviada por Antônio à Maria da Conceição, janeiro de 1918). O leitor contemporâneo está diante de forma de pensamento invulgar, consistente, inequívoco. Em outras palavras, Antônio era senhor de prodígiosas estruturas de pensamento as quais se manifestavam em sobejos índices de formalidade e de lógica, logo, e a par disso, suas explicações estiveram arroladas sob a rubrica de que se constituía num dessabor a dependência existencial do homem à crença de Deus, à de Jesus e às das santas. Salutar vislumbre da vida, apenas seria plausível através da reserva humana frente a essas fantasias religiosas, isto é, para o duplo esposo, tudo se encontrava cancelado na negação da existência de qualquer entidade religiosa, dessa forma, o indivíduo “meramente” seria visto na faculdade de detentor-gerenciador de unidade social própria, dono-organizador de satisfações próprias se conseguisse caminhar por sobre as trincheiras da rejeição das “explicações divinas”.

Considerações finais

Essas interpretações evidenciaram o quanto o pensamento do migrante Antônio de Albuquerque Lisboa sofreu deslocamentos bastante radicais no tocante à religião e à religiosidade, a Deus e a Jesus e, ao chegar ao Pará, às santas. Suas memórias que alcançaram o presente mediante diversas epístolas, não deixaram agregar dúvidas do quanto a transformação do luterano em um ateu deveu-se ao passamento dos seus pais e, com presteza, esse motivo o fez ultimar que a educação adquirida dos ascendentes jamais se bastaria em si mesma como capaz de mantê-lo numa salutar cruzada pela vida. Até a morte de Antônio, as consequências da finitude dos genitores não pararam de produzir severos efeitos na sua existência, ou seja, de apresentar ao cantanhedense outras explicações, outras viabilidades e outras expressões a lhes dar (à sua existência) sentido e forma. Porém há mais. Antônio não deixou às margens da sua autoridade, das suas necessidades, dos seus intuitos, nenhuma “criatura religiosa” oferecer direcionamento à própria vida. Não a consignou a qualquer “ser imaginário” e, sobre esta matéria, argumentou longamente no tocante a “inutilidade” de Deus, a de Jesus e as das santas. Em vista disso, definiu regras de constituição e de funcionamento da sua existência. Tudo isso, no transcurso desse estudo, foi explicado na faculdade de prensa do tempo, que expressou nestas intervenções: maneira “peculiar” de ver, de hierarquizar e de interpretar escalas do mundo a lhe circundar. As missivas permutadas oportunizaram esses entendimentos, ou melhor, elas tiveram o papel de ampliar as compreensões quer as do passado, quer as do presente daquele indivíduo. Em conformidade, os diversificados recortes das cartas revelaram escalas de circunstância, de motivações transpostas e de sentidos a elas induzidos os quais não puderam ser desassociados do tempo e do espaço por onde transitou Antônio Albuquerque Lisboa.

As epístolas, salvo melhor interpretação, foram assentadas pelo seu autor na faculdade de práticas repertoriadas a se concentrar sejam nas vivências pregressas, sejam nas experiências do presente daquele homem bígamo. À confecção dos manuscritos, o passado e o presente davam substanciosas forças evocativas para que Antônio fundamentasse e divulgasse suas certezas cotidianas à esposa belenense e quiçá aos seus iguais. O migrante, através de diversos bilhetes, deixou o investigador contemporâneo observar e avaliar a envergadura das suas certezas, mas também notar e refletir a respeito de parte do que vivenciou, do que sentiu, do que viu, do que passou, do que pensou; então, pelo interior de apreensões, certezas e incertezas, o português, ao financiar rito de passagem bastante severo (do luteranismo ao ateísmo), teve como finalidade a manutenção da própria existência. Ele chancelou a sua permanência, como indivíduo, em cima de pilastras explicativas absolutamente distantes do raio divino a envolver, primeiro, Deus e Jesus, e, depois as santas cultuadas no Pará, bem como das religiões e das

religiosidades; em síntese, ao não mais outorgar como verdadeiro o julgamento final a ser coordenado por Deus, Antônio passou a deslindar proposições “próprias” acerca da vida, mas, para além, principalmente, diante dos sentidos a pretingir Deus, Jesus, santas, religiões e religiosidades.

Deus, Jesus, santas, religiões e religiosidades foram, no bojo do pensamento de Antônio, predados de mentira e de fantasia. Isto posto, a finalidade desse estudo concentrou-se em alargar historicamente o entendimento das particulares condutas daquele português, então, vislumbra-se que, para ele, as mortes não expressaram apenas o desaparecimento do tecido humano ou da existência humana dos seus pais, elas viabilizaram escalas nucleares mais profundas, ou melhor, cancelaram por entre fabricos argumentativos a privação de entidades superiores a ordenar a vida do ser social; sem embargo, Antônio estabeleceu em tudo e sobre tudo a que viesse a se posicionar a lógica de que a “consciência perfeita da pessoa diante de si e do mundo apenas seria viável com o desacreditar da existência de entidades superiores”. (Carta nº 1 enviada por Antônio à Maria da Conceição, janeiro de 1888).

No decurso de 49 anos, ou seja, entre a finitude dos seus pais e a sua, estes foram, presumivelmente, os empregos psíquicos de Antônio.

Documento

Ação de desquite litigiosa impetrada por Maria da Conceição Nunes Albuquerque Lisboa contra Antônio Albuquerque Lisboa, 1918. Documento catalogado no Cartório Sarmento que compôs o Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará e que hoje faz parte do Centro de Memória da Amazônia (CMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. São Paulo: UNESP, 2013.
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

REVEL, Jacques. (Org.). “Microanálise e construção social”. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 15-38.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2004.